

---

## A constituição da palavra na área de Filosofia: um cenário da escrita acadêmica em Moçambique

Janaína Zaidan Bicalho Fonseca <sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-1210-4910>

### Resumo

Face à crise na produção de conhecimento do Ensino Superior, objetiva-se analisar e considerar o modo como se processam a escrita e a construção de conhecimento no âmbito de uma universidade moçambicana. Assim, selecionaram-se 10 projetos de doutorado em Filosofia e analisou-se – assente na abordagem dialógica da linguagem, nos estudos sobre a escrita acadêmica e na produção de conhecimento – um deles. Os dados apontam para uma tendência de definições conceituais e para uma impressão de harmonia entre as vozes teóricas que compõem o projeto. Os momentos em que a aparente voz do autor se sobressai mostram a existência de uma heterogeneidade constitutiva, em que a negação ou a afirmação de conceitos se dá por meio da legitimação de vozes que não são referenciadas no curso da escrita.

*Palavras-chave:* Escrita; Produção de conhecimento; Ensino Superior; Filosofia.

---

### The constitution of the word in the area of Philosophy: a scenario of academic writing in Mozambique

### Abstract

In view of the crisis in the production of knowledge in Higher Education, the objective is to analyze and consider the way in which the writing and construction of knowledge are processed within the scope of a Mozambican university. *Keywords: Writing; Knowledge production; Higher education; Philosophy.* Thus, 10 PhD projects in Philosophy were selected and one of them was analyzed – based on the dialogical approach to language, studies on academic writing and knowledge production. The data point to a trend of conceptual definitions and to an impression of harmony between the theoretical voices that make up the project. The moments in which the author's apparent voice stands out show the existence of a constitutive heterogeneity, in which the denial or affirmation of concepts occurs through the legitimation of voices that are not referenced in the course of writing.

*Keywords: Writing; Knowledge production; Higher education; Philosophy.*

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, [janaina.fonseca@uftm.edu.br](mailto:janaina.fonseca@uftm.edu.br).

## Introdução

Este trabalho surgiu das análises provenientes das pesquisas que desenvolvi no meu pós-doutoramento<sup>2</sup>, no qual me proponho a discutir a constituição de um saber sobre a escrita no Ensino Superior. Para isso, tenho me dedicado a estudar os procedimentos mobilizados por produtores textuais no exercício do escrever – desde a negociação, a apropriação e a confrontação com o discurso do outro até os modos como agenciam as tomadas de posição e assumem a avaliação no dizer na pretensa construção do conhecimento.

Os textos que circulam no meu universo de análise fazem parte de variadas áreas do saber, sobretudo daquelas para as quais o texto se configura como o produto da própria pesquisa. Sendo assim, aqueles que *me caem em mãos* são, geralmente, herança de ex-alunos (meus e de outros), ou publicações que vale a pena serem revistas em busca de compreender também os procedimentos de escrita de quem já circula pelos periódicos acadêmicos.

Neste trabalho, trago ao conhecimento do leitor a análise de partes de um projeto de doutorado em Filosofia, elaborado em uma universidade de Moçambique. A quem possa questionar a relação de uma pesquisadora brasileira com terras africanas, justifico explicando que países de língua portuguesa, especificamente aqueles que se aproximam em condição histórica, social e econômica, carecem de uma cultura de escrita que desenvolva procedimentos de ordem responsiva – isto é, em cujo sistema educacional se ensine a movimentar a palavra em diálogo com outras vozes e dizeres. Esse diálogo, porém, deve sustentar o enfrentamento com os discursos de poder, e não se acovardar frente à força de já-ditos consagrados por uma área do conhecimento. Logo, as práticas de citar com recorrência, sem nada acrescentar a um estudo; e de se apropriar indevidamente da palavra alheia, tendo em vista o desaparecimento do sujeito que escreve, precisam ceder a vez para movimentos com o dizer que concatenem a sintaxe da conformidade com a da adversidade e a da explicação.

Diante do longo caminho a ser percorrido a fim de modificar o cenário escolar historicamente posto nos países lusófonos colonizados, a inserção de pesquisadores em grupos

---

<sup>2</sup> O estágio pós-doutoral foi realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), sob a supervisão do Professor Dr. Valdir Heitor Barzotto.

de estudo e projetos de pesquisa que discutam a temática em foco é cada vez mais importante. E isso não para uma publicação esquizofrênica, mas sim para uma que ganhe força pela rede de dizeres que, dialógica e responsivamente, discuta a cultura de escrita que deseja ver em prática pelos seus produtores de texto. Logo, a internacionalização da pesquisa, que reúna, especialmente, os países mencionados em regime de colaboração, faz-se pungente nesta realidade.

Na análise de um texto moçambicano, gentilmente cedido pela rede colaborativa<sup>3</sup> que vem se formando em prol dos objetivos de pesquisa aqui destacados, percorro criticamente algumas partes que compõem um projeto de doutorado em Filosofia. Detenho-me, metodologicamente, nos procedimentos de escrita utilizados no decorrer do texto para uma possível construção de conhecimento e concentro-me na negociação com o discurso do outro, nas tomadas de posição, no agenciamento de uma postura autoral, no apagamento estilístico dos enunciadores, entre outras formas de operacionalização da palavra acadêmica – cuja materialidade ocorreu, especialmente, no uso de paráfrases, citações diretas, decalques, sinônimos e trocas de palavras; na seleção de textos teóricos; na apropriação da palavra alheia; e na manutenção ou na divergência de sentidos.

É na análise dialógica dos discursos (AUTHIER-REVUZ, 2004; BAKHTIN, 2003, 2018) – então, em convergência com os estudos sobre a escrita acadêmica e a produção de conhecimento – que prevejo compreender a construção do objeto textual-discursivo. Assim, pauto-me, sobretudo, na compreensão da *dezescrita* (RIOLFI; BARZOTTO, 2014) e da produção hibridizada do texto (PUH, 2019), as quais interrogam os acabamentos textuais, respectivamente, a partir da reversão dos processos textuais já concluídos e das tarefas de reorganização e combinação dos enunciados.

A seção de análise dos dados, sobre a qual passo a discorrer, foi dividida em dois blocos principais: o primeiro recobre a Introdução do projeto de doutorado; o segundo, a Revisão da

---

<sup>3</sup> A rede colaborativa aqui citada compreende os pesquisadores que integram o projeto de pesquisa intitulado *Leitura e escrita no Brasil, Honduras, Angola e Chile: formação na universidade contemporânea e (re)produção de conhecimento*, aprovado pelo CNPq por meio da Chamada Universal MCTIC/CNPQ N.º 28/2018, Processo: 4/27044/2018-9, conduzido na UFTM pela Professora Dra. Marinalva Vieira Barbosa, e que tem esta articulista como participante. Compreende também o acordo de cooperação internacional vigente entre a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, *locus* de trabalho desta pesquisadora, e a Universidade Pedagógica de Maputo.

literatura. Isso porque se trata de duas seções muito diferentes, já que, na Introdução, foi possível observar um tom mais intimista com o texto – enquanto na Revisão da literatura a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular que perfazia a escrita deu lugar a dizeres alheios que apagavam a experiência do estudante com o texto.

Posteriormente, passo para a constituição teórica e explico como esta dá entendimento ao conjunto de dados analisados neste artigo. Por fim, encerro o texto com as considerações finais.

### Os dados em análise

O primeiro excerto do projeto de doutorado que escolhi trazer à apreciação do leitor diz respeito à parte introdutória do texto e às formas como o produtor textual demarca *um lugar para si* na constituição da palavra.

Quadro 1 – Motivação e justificativa do projeto de doutorado

#### 1 Motivação e Justificativa

Tive o primeiro contacto com os textos de Filosofia quando ingressei no seminário filosófico em 2002. A partir daquele momento deparei-me com uma perspectiva de filosofia cuja principal matriz era de dominação; uma filosofia cujos expoentes (Hegel, Kant, Lebhru) constituíam leitura obrigatória. Estes autores apresentam a filosofia ocidental, a história ocidental como referência em relação a outros povos, considerados inferiores, sem lógica, sem história e, portanto, incapazes de aceder a uma reflexão filosófica. Tais povos encontram-se, de acordo com estes autores, em África (subsaariana) e América (latina).

O meu ingresso no curso de mestrado e a participação em seminários, conferências e leituras de temáticas sobre as filosofias africana e latina, levaram-me, não apenas ao contacto, mas sobretudo ao aprofundamento das filosofias de Raúl Fornet-Betancourt, de Severino Ngoenha e José Paulino Castiano. Foi, na verdade, o contacto com uma perspectiva de uma filosofia humanista, libertadora e cultural que se demarca da concepção de filosofia de dominação ocidental até então era do meu conhecimento. .

Fonte: dados da pesquisa analisados em 2022.

No fragmento selecionado para análise, chamam atenção os índices que remetem à 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, os quais concedem bastante naturalidade ao texto, já que marcam a trajetória pessoal do doutorando com o tema da sua investigação. No entanto, em meio ao percurso traçado pelo estudante, há afirmações do campo filosófico que não são comprovadas pelo procedimento de escrita adotado para direcionar o texto, o qual se fia na confiabilidade do dizer do produtor textual e na simples retomada metonímica das vozes de referência (“Estes autores apresentam”, “de acordo com estes autores”).

Tendo em vista se tratar de um conhecimento a ser comprovado no percurso de escrita – qual seja: a abordagem filosófica ocidental baseada em Hegel, Kant e Leibniz é de matriz dominante e inferioriza os povos africanos e latinos –, parece importante a retomada das vozes que confirmem o discurso dos filósofos ocidentais citados no texto. Nesse novo procedimento de escrita, seria atribuída a eles a referência de um tempo-espço (ano, obra e página) que daria ao leitor a vantagem de resgatar, sincronicamente, no caso da citação direta, ou assincronicamente, no caso da citação indireta ou da alusão, o que foi dito por outrem, imprimindo ao texto a inserção de outros planos enunciativos para a recuperação dos sentidos.

Não objetivo aqui afirmar que a construção do texto por vias da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e das retomadas interpretativas feitas por esse sujeito seja condenável, mas apontar situações em que a segunda voz se torna recurso que estabelece força ao dizer, por meio do gerenciamento das tessituras dialógicas do texto. Quando o autor não faz esse gerenciamento, o trecho apresentado como exemplo corre o risco de ser alvo da desconfiança do leitor, que, sozinho, terá de trilhar o *caminho de volta* para a fonte do dizer.

Tendo em vista que minha área de estudo e pesquisa focaliza não apenas a análise de textos mas também, e sobretudo, a análise de textos para o ensino de estratégias que colaborem no aprimoramento da escrita acadêmica pelos estudantes, demonstro, a título de exemplo, no Quadro 2, como a escrita de um segundo parágrafo, um pouco diferente do proposto pelo doutorando, poderia colaborar para ampliação do posicionamento no texto.

Quadro 2 – Outras escritas possíveis

Em suas *Lições sobre a Filosofia da História*, Hegel diz que a África não tem interesse histórico próprio e é um local em que os homens “vivem na barbárie e na selvageria, sem se ministrar nenhum ingrediente da civilização” (2001, p. x). A África, para Hegel, não é um lugar habitado pela História nem pela Razão: “os africanos são crianças eternas, envoltos na negrura da noite sem a luz da história consciente” (2001, p. y). A visão hegeliana sobre a relação do continente africano com a razão parece ainda se fazer presente na prática filosófica atual, já que a invisibilidade da filosofia africana no discurso acadêmico permanece. Tendo em vista o combate de tal engessamento, o meu ingresso no curso de mestrado e a participação em seminários, conferências e leituras de temáticas sobre as filosofias africana e latina levaram-me não apenas ao contacto, mas sobretudo ao aprofundamento das filosofias de Raúl Fornet-Betancourt, Severino Ngoenha e José Paulino Castiano, cujas ideias diferem da concepção filosófica de dominação ocidental e, por isso, podem fazer frente a essa visão monocultural, conforme projetado pelas citações deste parágrafo.

Fonte: elaborado pela autora a partir de Weissheimer (2018).

Com a proposta de reescrita, os ditos epistêmicos – que explicam conceitos e concepções, ampliam o jogo de vozes e colocam em marcha o encadeamento de pesquisa – ganharam consistência; e o modo como se construiu a subjetividade no texto, salvo algumas poucas alterações, continuou marcando a singularidade do *eu*, que escolheu relatar sua trajetória pessoal com o conhecimento para demonstrar sua frente investigativa.

A reestruturação no corpo do texto visou também à modificação discursiva, uma vez que, ao se construírem uma nova estrutura sintática – com orações explicativa, causal e conclusiva – e um outro vozeamento, com citações diretas *infiltrando-se* no dizer do produtor textual, o conhecimento filosófico prévio não foi simplesmente replicado, mas assumido no curso do dizer, e construiu-se, a partir daí, uma posição responsiva de desconstrução do que estava posto historicamente como verdade.

No próximo fragmento selecionado, mostrado no Quadro 3, a seção do projeto não é mais a introdutória, e sim a indicada como Revisão da literatura. Diferentemente do fragmento anterior, em que o eu se fez mais presente, aqui, a palavra de outros preenche boa parte do texto. Não se trata mais de utilizar a palavra alheia, conforme demonstrei no Quadro 2, para fortalecer as afirmações feitas ao longo do texto, mas sim para isentar-se da tarefa de assumir a condição de quem assina algo.

Quadro 3 – Revisão da literatura do projeto de doutorado

<p><b>3. Revisão da literatura</b></p> <p><b>3.1 Enquadramento conceptual</b></p> <p>[...].</p> <p>A Filosofia é uma pluralidade de formas de pensar e fazer. Não existe uma única Filosofia que seja válida, acreditar nisso seria adoptar uma posição etnocêntrica. A Filosofia é uma actividade que surge e se desenvolve em muitos lugares. Esta ideia contrasta com a pretensão ocidental de reduzir o exercício filosófico a uns e negar a outros povos. O acto do filosofar está associado às experiências humanas já que ela se propõe a analisar os problemas de um povo numa determinada época.</p> <p>“Esta visão concorre para que o conceito de filosofia não seja único e válido para todos povos e épocas, já que cada povo e época têm seus próprios problemas” (LIMA, 2013:67).</p> <p>De forma similar, o conceito da interculturalidade implica uma relação com o outro de uma maneira envolvente e não apenas limitada pela comunicação racional por meio de conceitos.</p> <p>A interculturalidade objectiva a promoção da interacção entre as diferenças por meio de encontros motivados por uma acção real e responsável com a valorização das diferentes culturas, das diferentes línguas e o reconhecimento do quão fecunda é a interacção entre elas. A perspectiva intercultural nas relações supõe uma valorização mútua de parte das culturas que interactuam. Portanto, é exigência a cada uma delas a consciência de seus limites e a disposição de aprender da outra sem dissolver sua própria</p>
--

originalidade, enriquecendo-a e enriquecendo-se incessantemente; “interculturalidade se dá em um duplo movimento, querer entender e querer ser entendido” (BARBOSA, 2000: 45).

Enrique Dussel, Fornet-Betancourt, Márquez-Fernández os mais destacados autores sobre a filosofia latino-americano serão fundamentais para este estudo. Dussel entende que, quando nos referimos de multiculturalidade estamos diante de um conceito cuja aceitação exige certos princípios procedimentais que devem ser acatados por todos os membros da comunidade; trata-se de um conceito que permite a diversidade valorativa cultural; já, transversalmente, a interculturalidade parte de outro lugar e vai além do mero diálogo entre os eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante (DUSSEL; 2004: 147). A interculturalidade parte numa situação entre iguais, sem dominados nem dominadores; numa relação dialógica e comprometida com o ser humano.

Fonte: dados da pesquisa, recolhidos em 2022.

O texto do Quadro 3 apropriou-se indevidamente de vozes que, salvo por um exercício analítico rigoroso e por uma intuição textual sensível, jamais seriam identificadas. A desconfiança de que algo estava errado me ocorreu ao perceber a mudança brusca de estilo entre as seções “Motivação e justificativa” e “Revisão da literatura”, bem como a higienização e a uniformidade sintática presentes na segunda, mas ausentes na primeira. Dada a natureza das fontes utilizadas pelo doutorando – livros indisponíveis na internet ou artigos sem livre acesso –, nem todas foram facilmente recuperáveis. O processo de verificação, então, deu-se de maneira artesanal: procurando partes do texto do projeto na internet. Ao fazê-lo, a desconfiança ganhou palpabilidade: obtive o retorno de duas fontes diferentes para quatro estratos do texto em análise, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Comparação entre trechos do projeto e as fontes das quais se apropriou

N.º	Trechos do projeto de doutorado em Filosofia	Fontes das quais o texto do projeto se apropriou
1	A Filosofia é uma pluralidade de formas de pensar e fazer. Não existe uma única Filosofia que seja válida, acreditar nisso seria adoptar uma posição etnocêntrica. A Filosofia é uma actividade que surge e se desenvolve em muitos lugares.	A Filosofia, diz Fornet-Betancourt, é uma pluralidade de formas de pensar e fazer. Não existe uma única Filosofia que seja válida, acreditar nisso seria adotar uma posição etnocêntrica. A Filosofia é uma actividade que surge e se desenvolve em muitos lugares (DAMÁZIO, 2008, p. 78).  <b>Fonte:</b> DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. Multiculturalismo versus Interculturalismo: por uma proposta intercultural do Direito. <i>Desenvolvimento em questão</i> , [S. l.], ano 6, n. 12, p. 63-86, jul./dez. 2008.
2	De forma similar, o conceito da interculturalidade implica uma relação com o outro de uma maneira envolvente e não apenas limitada pela comunicação racional por meio de conceitos.	Já a interculturalidade implica a relação com o outro de uma maneira envolvente e não apenas limitada pela comunicação racional por meio de conceitos (Fornet-Betancourt, 2007, p. 254-255) (DAMÁZIO, 2008, p. 78).

		<p><b>Fonte:</b> DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. Multiculturalismo versus Interculturalismo: por uma proposta intercultural do Direito. <i>Desenvolvimento em questão</i>, [S. l.], ano 6, n. 12, p. 63-86, jul./dez. 2008.</p>
3	<p>Dussel entende que, quando nos referimos de multiculturalidade estamos diante de um conceito cuja aceitação exige certos princípios procedimentais que devem ser acatados por todos os membros da comunidade; trata-se de um conceito que permite a diversidade valorativa cultural.</p>	<p>Este tipo de multiculturalismo altruísta está claramente formulado no <i>overlapping consensus</i> de John Rawls, que exige a aceitação de certos princípios processuais (que são profundamente culturais e ocidentais) que devem ser aceitos por todos os membros de uma comunidade política, permitindo, ao mesmo tempo, a diversidade cultural valorativa (ou religiosa) (DUSSEL, 2016, p. 60).</p> <p><b>Fonte:</b> Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. <i>Revista Sociedade e Estado</i>, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan./abr. 2016.</p>
4	<p>já, transversalmente, a interculturalidade parte de outro lugar e vai além do mero diálogo entre os eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante (DUSSEL; 2004: 147).</p>	<p>O diálogo intercultural deve ser transversal, ou seja, deve partir de outro lugar, para além do mero diálogo entre eruditos do mundo acadêmico ou institucionalmente dominante” (DUSSEL, 2016, p. 63-64).</p> <p><b>Fonte:</b> DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. <i>Revista Sociedade e Estado</i>, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan./abr. 2016.</p>

Fonte: elaborado pela autora em 2022.

No estrato 1, o doutorando se valeu de cada palavra de Damázio (2008), sem dar-lhe os devidos créditos. Damázio, por sua vez, inseriu no seu texto a expressão “diz Fonet-Betancourt”, mas sem qualquer marcação gráfica das aspas. Logo, não sabemos com exatidão se a produtora do texto citou integralmente as palavras de Betancourt ou se parafraseou os seus dizeres.

Caso se tratasse do texto do filósofo latino inserido no artigo, o fragmento destacado, no projeto de doutorado, deveria ficar entre aspas, seguido de sua referência: “A Filosofia é uma pluralidade de formas de pensar e fazer. Não existe uma única Filosofia que seja válida, acreditar nisso seria adoptar uma posição etnocêntrica. A Filosofia é uma actividade que surge e se desenvolve em muitos lugares” (FORNET-BETANCOURT, 2007, p. x *apud* DAMÁZIO, 2008, p. 78).

Já no caso de não se tratar das palavras originais do filósofo latino, e sim de uma paráfrase de Damázio, o trecho, igualmente aspeado, deveria ser introduzido por uma explicação da manobra textual, seguido da referência entre parênteses: Damázio, relendo Fonet-Betancourt (2007), afirma que “A Filosofia é uma pluralidade de formas de pensar e fazer. Não existe uma única Filosofia que seja válida, acreditar nisso seria adoptar uma posição etnocêntrica. A Filosofia é uma actividade que surge e se desenvolve em muitos lugares” (DAMÁZIO, 2008, p. 78).

Tanto em um caso como no outro, o domínio e o uso correto das normas técnicas não garantiriam a legitimidade do texto acadêmico. No primeiro exemplo, se o estudante se propôs a pesquisar a filosofia de Fonet-Betancourt, citar textos de terceiros não parece fazer sentido. Além disso, a *apudização* da escrita acadêmica faz com que os enfrentamentos com os textos-fonte sejam evitados e, conseqüentemente, com que a produção de conhecimento perca credibilidade e se imobilize. No segundo exemplo, novamente um terceiro atravessa o texto do estudante. A referência a Fonet-Betancourt, no entanto, precisaria dar lugar a Damázio, pois é quem comporia a materialidade da citação. Ela, porém, não faz parte da área de Filosofia, e sim da área do Direito. Isso, quiçá, ajude a justificar o desaparecimento de Damázio no texto do doutorando, que, uma vez ciente da necessidade de coesão do quadro teórico, limpou o seu texto dos vestígios que colocariam a sua imagem em questionamento. Além disso, o doutorando de Filosofia vale-se do texto da jurista para mobilizar conceitos filosóficos – o que, até onde se espera, deveria ser da competência dele.

A hipótese que justifica a apropriação indevida das palavras do outro para além do não saber-fazer consolida-se na análise de outros pontos do texto do doutorando, nos quais as citações são feitas com uso dos recursos adequados – ou seja, os sinais gráficos indicativos de aspas e os parênteses com sobrenome do autor, ano de publicação da obra e número da página são devidamente respeitados como condições de funcionamento e manutenção do discurso acadêmico.

No estrato 2, as palavras de Damázio (2008), talvez novamente decalcadas de Fonet-Betancourt, voltam a aparecer, ocultamente, no texto do doutorando. Em Damázio, porém, os conceitos de filosofia e interculturalidade são relacionados entre si com o conectivo “já”, e uma relação comparativa é estabelecida. No texto do doutorando, por sua vez, a expressão conectiva

“de forma similar” coloca em igualdade os conceitos mencionados, o que parece não refletir uma adequada relação coesiva. O reaproveitamento do enunciado de Damázio no texto em análise, quando conectado a expressões do estudante, impossibilitou a manutenção do sentido e trouxe prejuízos à escrita do projeto.

No estrato 3, o doutorando tenta parafrasear o artigo de Dussel. Entretanto, as mudanças realizadas na estrutura do texto enviesaram o sentido do original. O aluno, ao que tudo indica, não percebeu a crítica feita por Dussel a um tipo específico de multiculturalismo chamado de altruísta – a qual pode ser vislumbrada pelos signos de natureza deôntica utilizados pelo filósofo, como “exige” e “devem ser aceitos”, que imprimem a ideia de dominação. As operações realizadas no corpo do texto, como a mudança de categorias conceituais (“tipo de multiculturalismo altruísta” por “multiculturalidade”); a especificação de conceitos (“membros de uma comunidade política” por “membros da comunidade”); o uso de sinônimos (“princípios processuais” por “princípios procedimentais”); e a troca da ordem de algumas palavras (“diversidade cultural valorativa” por “diversidade valorativa cultural”) afetaram o sentido primeiro e, por isso, romperam com a integridade da paráfrase. Ademais, os modos de dizer plasmados com o texto original obstruíram uma postura responsiva diante do que foi escrito por outrem.

No estrato 4, por fim, a tentativa de parafrasear o texto de Dussel seguiu em andamento com os mesmos procedimentos identificados no estrato 3. Aqui, embora o sentido do texto-fonte tenha sido resguardado, as operações meramente textuais fizeram com que o texto do doutorando praticamente repetisse o de Dussel. O uso das normas que preservam a autoria de outrem, assim, não se mostraram suficientes para evitar as apropriações de sentido.

### **A constituição teórica para entendimento do conjunto de dados**

Invertendo a lógica esperada para um artigo acadêmico, esta seção dedica-se à constituição do quadro teórico para a fundamentação dos dados. Faço essa alteração na ordem porque a dimensão teórica não pode, a meu ver, *falar antes* dos dados e determinar os encaminhamentos a serem seguidos.

Dito isso, articulo a abordagem dialógica da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 2004; BAKHTIN, 2003, 2018) com os crescentes estudos sobre escrita acadêmica e produção de conhecimento – como os de Barzotto (2007, 2010), Barbosa (2016), Fairchild (2017a, 2017b), Puh (2014, 2019) e Fonseca (2019, 2021) –, que vêm ganhando espaço como áreas de pesquisa que se atentam para a materialidade da escrita desenvolvida no Ensino Superior, independentemente das regularidades previstas pelas normas técnicas e das orientações de um determinado gênero discursivo.

A teoria dialógica do discurso, desenvolvida por Bakhtin e seu círculo, organizou os direcionamentos deste estudo, visto se tratar de uma abordagem que põe em funcionamento posturas discursivas assumidas por vozes diversas em trânsito no texto. Em comparação com a amostra apresentada neste artigo, o dialogismo sedimenta as análises, pois colabora para o entendimento das investidas do produtor do texto nesse outro que o constitui como ser de linguagem. Esse outro, porém, passa a falar por ele, a representá-lo no dizer e, até mesmo, a expropriá-lo do direito à palavra. Isso porque o produtor textual se recusa a participar da interação que movimentaria a (re)construção dos seus posicionamentos tendo em vista uma produção de conhecimento que quebre com os consensos aceitos por uma determinada área do saber.

Compreender, então, por que as interações desenvolvidas nos textos acadêmicos da atualidade dão força aos dizeres que já se creem legitimados é um percurso analítico que continua sendo de fundamental importância para o fazer científico na universidade, já que essa crença parece enfraquecer a sustentação do discurso de um eu que, frente ao outro, contém o próprio dizer. Esse movimento define, em certa medida, o acabamento do texto, cuja arquitetônica se constitui por uma montagem de diversos textos, e resta ao pretense autor a tarefa de reorganizar e recombinar os enunciados, fazendo uso, basicamente, das ações de eliminar, substituir e regular os dizeres. Nesse sentido, comanda, na compreensão de Puh (2019), uma “produção hibridizada” com diferentes níveis de integração entre a voz do autor e a dos seus referenciais. A definição para esse sujeito, também a partir das pesquisas de Puh (2019, p. 255), é *pasticheiro*:

O pasticheiro não só reorganiza elementos internos dos enunciados, frases, mas também combina diferentes tipos de enunciados para formar um único ao qual dará seu nome e, ainda em um nível superior, seleciona diferentes frases do original para formar seu próprio texto. Elimina o que não considera importante e transcreve o resto.

O corpo textual, assim, parece esteticamente aceitável na sua aparência. No entanto, sua sustentação esconde sérios distúrbios de linguagem, cujos sintomas prejudicam a saúde da escrita, já que a condição dialógica do texto é bastante mal digerida. No pastiche, a condição desse corpo de linguagem deteriorado é perpassada pela heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 2004), cujo sujeito que escreve, ao fazer uso da heterogeneidade constitutiva, dilui, como pode, a presença do outro no seu texto, valendo-se do esgotamento da descrição linguística. Já na heterogeneidade mostrada, ele comprova que os sinais indicativos de aspas ou os parênteses que asseguram os referenciais não são limites suficientes para impedimento da cópia ou da ruptura do sentido. Logo, o sujeito, mesmo no lugar de pasticheiro, não costuma conseguir encobrir, com total perfeição, a maneira como opera com o texto.

A heterogeneidade em curso colabora, portanto, para o efeito de acabamento do texto do acadêmico – preocupação que parece ser primordial para o pasticheiro, já que a combinação e a reformulação dos fragmentos de outros textos buscam, ao que tudo indica, o atendimento às regras que direcionam a escrita acadêmica, quais sejam: citar com propriedade; parafrasear em aproximação com o original; e imprimir, no ocultamento de outros textos, a ideia de condução genuína do dizer.

Tais acabamentos podem ser assumidos – na minha compreensão da teoria bakhtiniana e da palavra acadêmica que tem sido forjada nos diferentes textos constituídos por essa esfera – como sendo de ordem estética. Trata-se, porém, de uma estética vazia, ou de uma antiestética, já que desvinculada de uma posição axiológica no dizer. É uma estética que cumpre com a função de mimetizar os textos que circulam nos diferentes âmbitos teórico-científicos. O procedimento estético em Bakhtin, por outro lado, ordena o objeto artístico pela transposição do plano da vida para o plano da arte a partir de uma postura valorativa, centrada nas dimensões sociais, históricas e culturais. Deslocando esse entendimento para os estudos da escrita acadêmica, não se percebe a mobilização, no texto analisado, dessa postura, já que o dito autor vê o texto como

produto acabado, arquitetado por uma composicionalidade que crê suficiente para alçá-lo à condição de produtor de conhecimento.

O conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes, assim, manifesta-se no texto por meio da montagem de diferentes enunciados efetuada pelo estudante na composição do pastiche – operação de linguagem que envolve uma série de modificações nos textos trazidos para o mosaico que será assinado como seu. Todavia, essas vozes, no enformamento textual, não são assumidas no plano axiológico, pois não são dialogadas com os posicionamentos esperados do sujeito que escreve o texto. São, na verdade, oriundas de diferentes fontes, sem um exercício claro de compreensão. Trata-se, portanto, de um texto com a aparência de um todo estético coerente, porém que compromete o conteúdo e acomete as relações esperadas para a construção do conhecimento.

Resumo a seguir, nos pontos 1 e 2, os movimentos realizados, ou deixados para trás, pelo produtor textual na formulação do seu projeto de doutorado; e, em um segundo momento, nos pontos 3, 4, 5, 6 e 7, sintetizo os movimentos que ele operou no texto, com vistas a comprovar a sua condição de pasticheiro atento às manobras a que a escrita acadêmica deve ser submetida para ter a aceitabilidade de seus leitores:

- 1) Constrói uma personalidade para explicar o seu percurso de estudo. A mesma intimidade não é atribuída às primeiras referências teóricas mencionadas no texto;
- 2) Não comprova o seu posicionamento com a inserção de outros planos enunciativos válidos;
- 3) Oculta o texto de Damázio (2008) entre as suas próprias linhas;
- 4) Apropria-se indevidamente do texto de Damázio (2008) e modifica o sentido do original;
- 5) Parafraseia o texto de Dussel (2016), enviesando-lhe o sentido;
- 6) Copia o texto de Dussel (2016), mas atribui-lhe os créditos entre parênteses;
- 7) Articula os dizeres dos itens 1 a 6 com outros citados de forma direta.

Tomando o caso analisado, as palavras próprias aparecem para presentificar um eu que fala de si e de seu percurso de estudo; já as palavras de outros são regurgitadas no texto, seja na tentativa de uma escrita parafrástica que, praticamente, repete boa parte do original, seja no ocultamento das fontes de referência, que sempre podem ser identificadas a partir de uma leitura mais rigorosa. As operações em destaque foram reveladas no exercício de dezescreita (RIOLFI; BARZOTTO, 2014), o qual incide na *reversão de um processo já concluído* por parte do

analista do texto ou do discurso. A dezescreta, assim, pode ser compreendida como um procedimento metodológico de análise que desconstrói e/ou reconstrói os caminhos tomados pelo texto em busca de problematizar os sentidos que são apresentados como definitivos na escrita do outro, ou questionáveis na condução da própria escrita.

Nesse aspecto, a análise aqui adotada é movida pela reinserção do exercício estético no texto, uma vez que tenta compreender como os modos de articular a palavra constituem o mosaico textual criado pelo outro. O analista, dessa forma, coloca-se em estado de compenetração: “eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele” (BAKHTIN, 2003, p. 23). A compenetração, nesse caso, dá-se no entendimento dos manejos de escrita empregados pelo produtor textual. Sequencialmente, a compenetração completa-se quando “retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material da compenetração” (p. 25).

A dezescreta, então, confronta os acabamentos dados a um texto de uma posição externa a ele – a do leitor, do analista, do educador –, a qual não parte de um julgamento *da pessoa que sofre*, mas de uma compreensão histórica, social e valorativa dos dizeres. Isso significa que o sujeito externo ao texto compreende as relações históricas que circunscrevem a produção acadêmica atual: submetida à cultura do escrito que se instaurou na universidade, a qual estimula a produção de textos acadêmicos vinculados à replicação do conhecimento bem como ao apagamento estilístico do sujeito. As relações históricas do conhecimento, elucidativas do paradigma cartesiano de distanciamento entre o sujeito e o seu objeto de pesquisa, geraram as condições sociais de (re)produção em massa do conhecimento, as quais, por sua vez, implicam nos processos valorativos que avaliam o texto como adequado, inadequado; apropriado, inapropriado; autorizado, desautorizado etc., se consoante ou não às condições que se esperam dele.

Na compreensão de Fonseca (2021, p. 22),

O esvaziamento de estilos decorrente de uma escrita acadêmica regulada e controlada por uma noção singular de ciência reflete-se nos “rituais da palavra” (FOUCAULT, 1996 [1970]) a que o texto na academia costuma se submeter. Ou seja, em um conjunto de atos e práticas que condiciona o surgimento do texto em molduras composicionais e modos de dizer próprios dessa esfera.

A palavra, compreendida como estável e imutável, não consegue apresentar novidades no campo da produção do conhecimento, pois se preocupa em atender o que Fonseca (2021) relaciona na citação anterior, ou seja, os rituais foucaultianos de regulação dos dizeres. Perseguindo a qualidade estética, o sujeito falha com as condições éticas. Isto é, válida a forma e compromete o conteúdo. Nessa medida, desresponsabiliza-se de seus atos na escrita ao não assumir que a organização do conteúdo no texto está condicionada ao seu agir como produtor textual responsável. O sujeito, no seu problemático inacabamento como ser de linguagem, repete os enunciados e remói os dizeres e contraria a máxima bakhtiniana de que os enunciados são irrepetíveis porque postos em situações enunciativas diferentes. Embora o sujeito, produtor do projeto de pesquisa, esteja em um novo contexto enunciativo, sua escrita absorve, nos gestos de textualização, os enunciados decorrentes de textos outros. Todavia, a regulação das vozes não obedece a um comando ético, responsável e valorativo, mas sim às coerções sociais e discursivas que limitam sua atuação como sujeito.

### **Considerações finais**

Ensinar e fazer circular novos enformamentos do texto acadêmico é a tarefa a que me lanço e que julgo importante para a construção de outros valores, diferentes dos atribuídos ao texto pela universidade atual, que se mostra em sintonia com uma escrita totalmente modelar e normatizada – o que justifica, em partes, o desenvolvimento do pastiche e a corrupção na produção de conhecimento.

Os dados em análise apontam, ainda que embrionariamente, para uma tendência de definições conceituais – sem a esperada problematização por parte do estudante – assim como para uma impressão de harmonia entre as vozes teóricas que compõem o projeto. Além disso, os momentos em que a voz do autor do texto se sobressai, ao menos no referencial teórico, deixam entrever a existência de uma heterogeneidade constitutiva, em que a negação ou a afirmação de conceitos se dá por meio da legitimação de vozes não referenciadas no curso da escrita.

Retomando um dos objetivos destacados do meu projeto de pós-doutorado, qual seja, investigar as regularidades e irregularidades, de ordem textual e discursiva, que circulam nos textos acadêmicos em áreas diversas do conhecimento, tenho vislumbrado nos textos, inclusive neste que apresento aos leitores, regularidades relacionadas às maneiras de evocar a voz do outro e as consequências dessas manobras de textualização nos discursos assumidos pelos estudantes. Isto é, os modos de dizer, acoplados a outros textos, fazem circular e repetir os enunciados já-ditos e consagrados no meio acadêmico.

Nesse sentido, os discursos costumam ser reproduzidos, e reprime-se a produção de conhecimento nas diferentes áreas do saber. Mesmo quando o texto é escrito em 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, como foi o caso de alguns episódios do projeto de doutorado analisado, não se mostra suficiente para discutir o conhecimento de referência de cada área.

Por fim, saliento o método da *dezescrita* como importante contributo para a análise de textos acadêmicos. Apesar de exigir do pesquisador, do professor, do orientador e/ou do leitor atenção redobrada e especializada, pode se caracterizar como ferramenta capaz não de penalizar, mas sim de demonstrar para o outro como a constituição da sua escrita demanda aprimoramentos dialógicos. No meu percurso de pós-doutorado, formular propostas didáticas que colaborem para o gerenciamento da escrita pelos estudantes é outro objetivo que tenho em vista e do qual darei notícias em futuros trabalhos.

### Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação de Marlene Teixeira. Revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BARBOSA, M. V. Entre o conhecimento e a paixão: (im)possibilidades de constituição de um saber sobre a escrita. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 5, n. 8, p. 85-96, jan./jun. 2016.

BARZOTTO, V. H. Leitura e produção de textos: limites e relações intersubjetivas. In: CALIL, E. (org.). *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 159-170.

BARZOTTO, V. H. A expressão da modalidade linguística e a análise de textos acadêmicos. In: SILVA, C. L. C. R.; CARLOS, J. T.; PIRIS, E. L. (org.). *Abordagens metodológicas em estudos discursivos*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 27-35. v. 1.

DAMÁZIO, E. da S. P. Multiculturalismo versus Interculturalismo: por uma proposta intercultural do Direito. *Desenvolvimento em questão*, [S. l.], ano 6, n. 12, p. 63-86, jul./dez. 2008.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, jan./abr. 2016.

FAIRCHILD, T. M. Produção, produtivismo, plágio: considerações sobre a originalidade na pesquisa em ensino de línguas. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 12-35, 2017a.

FAIRCHILD, T. M. Da interpretação à apreciação: a autoria acadêmica no contexto do novo produtivismo. *Revista Trama*, Cascavel, n. 28, p. 213-239, 2017b.

FONSECA, J. Z. B. Universidade e produção de conhecimento na formação inicial: uma estratégia didática para o ensino da escrita acadêmica. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 58, n. 3, p. 1264-1281, set./dez. 2019.

FONSECA, J. Z. B. Escrita acadêmica e (re)construção do dizer: a busca pela autoria do texto na reapropriação da palavra alheia. *Revista do SELL*, Uberaba, v. 10, n. 1, p. 21-40, 2021.

HEGEL, F. *The philosophy of history*. Ontario: Kitchener, 2001.

PUH, M. Apropriação indevida de elaborações alheias nos trabalhos científicos. In: RIOLFI, C. R.; BARZOTTO, V. H. (org.). *Dezescrita*. São Paulo: Paulistana, 2014. p. 125-136.

PUH, M. O pasticheiro: o descobrimento do novo plagiador. *Revista Iniciação & Formação docente*, Uberaba, v. 6, n. 1, p. 242-256, 2019.

RIOLFI, C. R.; BARZOTTO, V. H. (org.). *Dezescrita*. São Paulo: Paulistana, 2014.

WEISSHEIMER, M. Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida. *Sul21*. 27 maio 2018. *Online*. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-proteger-todas-as-formas-de-vida/> Acesso em: 8 out. 2022.



Recebido em março 2023.  
Aprovado em outubro 2023.